

## As Ulmeiros

A Avenida do Uruguai é larga e espaçosa, com comércio distribuído pelos dois passeios, às vezes com cinco metros de largura. Morei lá quase desde o princípio da avenida e ainda me lembro do eléctrico na Estrada de Benfica. O T1 onde eu vivi era mesmo em frente ao 13A onde um dia a Lúcia e o José Ribeiro abriram uma livraria e papelaria chamada Ulmeiro. Ali pela loja, dois miúdos, o Miguel e a Sofia, agarravam-se às calças do pai ou às saias da mãe.

Eu era muito jovem e muitas vezes atravessava a rua para ir lá. Falava com o Zé, via e folheava livros, fui aprendendo se este ou aquele valiam a pena. Ainda hoje tenho desses livros indicados pela argúcia bibliófila do livreiro de então. Comecei, já na altura, a ver livros que não via noutros lados e falavam espanhol. Lembro-me da Alianza Editorial, da Seix Barral, da Ayuso...

A minha ligação à pintura e expressão plástica em geral estava bem actuante na altura, provavelmente mais pelo entusiasmo sonhador, e incipiente, do que pela qualidade. Um dia reuni material, muito abstracionismo a tinta de água montado em *passe-partouts* artesanais, e preenchi as paredes da cave da Ulmeiro. O que mais gozo me deu foi, sobretudo, um encontro feito à noite nessa cave, com um sabor clandestino que nos unia em cumplicidades. A exposição era apenas um pretexto. Bebemos copos de tinto com moderação e conversámos sem moderador, estava «muita» gente, de poucos me lembro e alguns já partiram.

Mais tarde, as minhas escritas e rabiscos andaram por outros lados. Por exemplo, liguei-me por algum tempo a uma publicação do Porto, de onde sou natural, chamada «Tábua». Na *plaquette* do número dois decidimos que faríamos uma exposição itinerante, começando pela Avenida do Uruguai, conforme apontou o caminho este escriba de memórias. Claro que a exposição não itinerou, nasceu e morreu ali, bem como a «Tábua» que nunca mais ninguém a aplinou. E lá estava o poeta visual Abílio, com escrita e desenhos de poesia concreta, o Mário Cláudio com a sua escrita a apontar a mestria futura, a Wanda Ramos, o Aureliano Lima, escultor e poeta de respeito, outros que agora não recordo, e *moi-même* com um desenho horrível, mas que eu achava que estava na moda.

Já tinha deixado de habitar a avenida, e após várias experiências de teatro escolar, propus ao Zé a edição de uma peça para crianças. Foi a minha coroa de glória, chamava-se «Zé Pimpão, João Mandão e os sapatos feitos à mão». Estávamos em 1978, havia algum dinheiro para a cultura e o sapateiro fartou-se de ser representado com direito a *royalties*. Mas não enriqueci, só deu para uns cafés com o Zé Ribeiro na pastelaria Carripiana. A

editora incluiu a peça na colecção *Teatro Ulmeiro Nova Série* (n.º 1) e, conforme um exemplar que ainda conservo com preço marcado, custava ao leitor 260 escudos. O mais espantoso, e está bem impresso na ficha técnica: 3000 exemplares, 3000. E ao fim de algum tempo esgotou a besta célere.

À sombra destes louros, em 1979, o Zé ainda me publicou outra teatradinha para miúdos. Chamava-se «A Canção de Começar», na mesma colecção, o n.º 2, com a mesma magna tiragem e que viria a esgotar também. Como se as pessoas não tivessem mais para fazer do que ler teatro para crianças.

A Ulmeiro editora produzia na cave do 13 desta nossa avenida. E como o espaço é um bem de primeira necessidade, nesses anos 70 ainda o Zé Ribeiro me cedeu, durante alguns meses, um quartito escuro a que eu chamava atelier para guardar pinturas e objectos artísticos *avant la lettre*. Era mesmo ao lado do gabinete dele, onde uma vez vi o *plastron* do poeta Raul de Carvalho ou a graciosidade da Lena d'Água a experimentar a escrita. Eclética editora, cabíamos todos ao lado do Frantz Fanon ou do Camilo. Noutro gabinete ao fundo o Rui Ferreira de Sousa revia provas e num intervalo ofereceu-me um poema em plaquete, sinceramente não me lembro se já era Jaime Rocha, para mim ficou sempre Rui.

Quando, muito mais tarde, melhor me apercebi do alfarrabista da Livrarte, perdi-me nas prateleiras, os livros, que quase cobriam as pessoas, dificultavam a passagem, e a Lúcia, incansável, continuava o inventário dos livros e da vida. E quando tive de limpar a minha livralhada caseira por falta de espaço ofereci ao Zé alfarrabista os livros que tinha comparado ao José Antunes Ribeiro, editor, poeta e livreiro.

Depois o tempo vai passando, como escreve quem não tem mais nada para dizer, cada um segue a sua vida e guarda para si as Ulmeiros que viveu.

António Ferra